



## **ENTRE FIOS, COSTURAS E SIMBOLOGIAS: UMA ANÁLISE DE A BOLSA AMARELA**

**Sara Freitas Maia Silva**

Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de  
Mato Grosso – Pontes e Lacerda – MT

**Epaminondas de Matos Magalhães**

Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
(PUCRS). Professor do IFMT e dos Programas de Pós-Graduação Mestrado em  
Ensino (IFMT) e Estudos Literários (Unemat) – Pontes e Lacerda – MT  
[epaminondas.magalhaes@plc.ifmt.edu.br](mailto:epaminondas.magalhaes@plc.ifmt.edu.br)

### **RESUMO**

O intuito deste trabalho é fazer uma leitura crítica e interpretativa a respeito do simbolismo presente na obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, a partir dos desejos, histórias e personagens criados pela protagonista Raquel, que se contrapõe a sua própria condição e desejos de vida real, estando em constante conflito e sendo reprimido pelos adultos que estão a sua volta. Nesse sentido, nossas discussões se enveredam para as intersecções entre literatura e psicanálise, em que quando tomamos do segundo o conceito referente ao simbolismo e suas representações, na tentativa de explicar os desejos reprimidos da personagem, manifestado nos objetos simbólicos e em suas criações ficcionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura Infanto-juvenil - simbolismo, desejos, repressão.

### **BETWEEN THREADS, STITCHING AND SYMBOLS: AN ANALYSIS OF THE YELLOW BAG**

### **ABSTRACT**

The aim of this work is to make a critical and interpretive reading about the symbolism present in the yellow bag, Lygia Bojunga Nunes, from the wishes, stories and characters created by the protagonist Rachel, that contravenes your own condition and desires of real life, being in constant conflict and being repressed by adults who are your back. In this sense, our discussions if they resort to the intersections between literature and psychoanalysis, in that when we take the second the concept for the symbolism and their representations, in an attempt to explain the character's repressed desires, manifested in the symbolic objects and their fictional creations.

**KEYWORDS:** children's literature-symbolism, desires, repression.



## INTRODUÇÃO

A novela *A bolsa amarela* publicada pela primeira vez em 1976, da autora Lygia Bojunga, é um clássico da literatura infanto-juvenil. O enredo retrata a história de Raquel, uma criança que possui três desejos: crescer, ser menino e ser escritora. Como os dois primeiros desejos eram impossíveis de se alcançar, devido a sua condição de criança e o fato de ter nascido menina, restava-lhe o desejo de se tornar escritora. Assim, ela começa a escrever cartas, telegramas, romances, e, por meio de sua imaginação, inventa os personagens André, Lorelai e o galo Rei, com os quais dialogava sobre sua vida e seus desejos. Interessante salientar que tais personagens, imagetivamente, respondem a todas as inquietações da personagem, ou seja, ao adotar, dentro da narrativa outros gêneros textuais, entre eles, a carta, o personagem criado por ela, André, responde as mesmas, ora dando-lhe conselhos, ora alertando-a ou simplesmente se calando. Assim, Raquel cria *personas* dando voz aos seus desejos, angústias e vontades.

Entretanto, isso é interrompido quando sua família, por meio de sermões e repreensões, e também por considerar bobagem de sua cabeça, acaba desencorajando-a a ser escritora, o que a faz tomar a decisão de parar de escrever. Porém, seu desejo era tão grande, que não consegue. Como de costume, sua tia Brunilda sempre doava roupas e acessórios que não gostava e nem usava mais para família de Raquel, a sacola com roupas desta vez, veio com uma bolsa amarela rejeitada pelos irmãos. Raquel vendo a bolsa decidiu que iria ficar com a mesma, dando ajuste daqui e dali a bolsa fica perfeita para ela, e dentro da bolsa amarela ela guarda todas suas vontades e todas suas histórias.

Por meio de uma linguagem simples, cotidiana, Lygia Bojunga consegue conquistar o leitor, embora seja uma obra destinada ao público infantil, atrai leitores adultos também, pois aborda temas para todas as fases da vida, fazendo-os recordar a sua própria fase de infância e de ser criança. Cabe-nos destacar que a premissa de literatura infantil, ou para crianças, não limita o público leitor, uma vez que as obras discutem situações e problemas que vão além desse público. É com muito humor e ao mesmo tempo com sentimento de emoção que *A bolsa Amarela* conquista seus diferentes leitores.

Lygia Bojunga (1932) foi a primeira escritora brasileira a receber o Prêmio de Hans Christian Anderson, o mais importante prêmio da literatura infanto-juvenil. Nasceu em Pelotas-Rio grande do Sul, em 1932. Quando tinha oito anos mudou-se para o Rio de Janeiro,



apaixonou-se a princípio pelo teatro e em 1951 entrou para a Companhia de Teatro “Os artistas Unidos”, porém buscava uma vida mais simples e integrada com a natureza, então abandonou o teatro e mudou-se para o interior do Rio de Janeiro, e juntamente com o esposo fundou “Toca”, uma escola na zona rural para crianças carentes. Em 1972 publicou seu primeiro livro *Os colegas*, uma fábula que retrata a história de cinco animais, tal obra teve um grande reconhecimento e ganhou diversos prêmios a nível nacional e internacional. A dicotomia fantasia e realidade são fortes características na produção de Lygia Bojunga, trazendo temas sobre questões sociais com muito humor e poesia. Atualmente, suas obras se enveredam para problemas de cunho social e temas caros a produção infantil, como homossexualidade, prostituição, abandono e morte.

Um fato importante na obra *A bolsa amarela*, e que precisamos ressaltar, é que ela teve sua publicação em um contexto histórico muito importante em nosso país, a “Ditadura militar”, que durou cerca de 20 anos (entre 1964 e 1985). Assim, temos fortes elementos deste período no romance, principalmente, sobre o discurso e lutas travadas pelas mulheres. Na obra, por exemplo, a justificativa de Raquel em querer ser menino, como nos aponta Sirlene Cristófano (2011) está para o fato de que:

O discurso da protagonista vem de encontro às preocupações e ao debate das mulheres na década de setenta, quando o movimento hippie tendo por ideal ideias de Betty Friedman, luta pela igualdade entre os sexos qualquer que fosse a sua raça, sexo ou cor. Pela voz de Raquel, a autora apresenta, do ponto de vista da infância, reflexões a respeito de uma sociedade patriarcal que trata a mulher como um “segundo sexo”. A vontade de ser menino só diminui Raquel quando ela se depara com uma família diferente na “casa dos consertos”. Um lugar em que os papéis sociais não são cristalizados e a questão da pluralidade identitária vem à tona. Os moradores dessa casa se alternam nas funções que, tradicionalmente, são atribuídas a homens e mulheres separadamente, ou seja, a homem cozinha, a mulher conserta panelas. (CRISTÓFANO, 2011, p. 06)

Também encontramos outras questões que vinculam a obra e o contexto histórico em que ela estava inserida, como o pensamento costurado do galo terrível, que podia ter uma só forma de pensar, tal como exigido durante o regime militar, em que os que eram contra a sua forma de pensamento, sofriam torturas ou até morriam.

### ***E OS FIOS COMEÇAM A SE ALINHAVAR: UMA LEITURA DA OBRA A BOLSA AMARELA***



É importante ressaltar aqui, que o simbolismo que trataremos na obra é aquele que estabelece relação direta com inconsciente presente na teoria psicanalítica e não a função simbólica da linguagem (metáfora), ou seja, nossas intersecções se amalgamam pelas relações simbólicas do pensamento, a partir da premissa do inconsciente.

O símbolo revela certos aspetos da realidade — os mais profundos — que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiqué; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser. Por conseguinte o seu estudo permite-nos conhecer melhor o homem, «o homem sem mais», aquele que ainda não transigiu com as condições da história. (ELIADE, 1991, p.13)

As três vontades da protagonista são reprimidas, visto que os dois primeiros são considerados impossíveis para Raquel (crescer de imediato e ser menino) e o terceiro é inútil (ser escritora), e isso reflete em todos os personagens criados por ela, que no decorrer da narrativa a ajudam a compreender melhor todo dilema que vive. Além disso, a protagonista é uma criança extremamente inteligente, questionadora e observadora, não consegue aceitar as imposições que a cerca. Raquel consegue perceber a indiferença com que é tratada, por simplesmente ser criança, mesmo sendo capaz de compreender perfeitamente o universo adulto. Ela consegue ver e sentir as diferenças do homem para a mulher, e ela se revolta, questiona o porquê tem que ser daquela forma, em que a princípio desenvolve uma certa raiva pelo fato de ter nascido menina.

Raquel observa que os melhores papéis na família e sociedade são desempenhados pelos homens, quando percebe que tem um pai e uma mãe que possuem uma vida de trabalho árduo, entretanto, quem leva o crédito de provedor, “chefe da família” é o pai, o homem. Nota, que a tia Brunilda enjoea fácil das roupas, doa e a torna a comprar novamente, o marido mesmo não gostando dos gastos desnecessários consente quando tia Brunilda fala em trabalhar fora “ Outra coisa um bocado esquisito é que se ele reclama, ela diz logo: “Vou arranjar um emprego. ” Aí ele fala: “De jeito nenhum! ” E dá mais dinheiro (...) vou ver se um dia eu entendo essa jogada. ” (NUNES, 1995, pág. 26) A protagonista percebe a privatização que a tia sofre dentro do casamento, em que o marido não deixa que conquiste ou desenvolva outro trabalho além dos trabalhos domésticos e cuidados com o lar. Tais representações femininas são suprimidas dentro da protagonista, o que constitui dentro de si um certo desconforto e inquietude diante dos fatos, fazendo questionamentos.



Tal sentimento de desacordo é tão forte em Raquel, que o primeiro personagem criado por ela é um personagem masculino André, onde demonstra seu desejo de tornar-se menino. Outra criação de Raquel que propõe o reflexo de homem e mulher, é pela história do galo Afonso, porém de uma forma mais positiva. Aqui, Afonso que também é do sexo masculino, apresenta em forma de homem sensato “desde de pequenininho eu sonhava com um galinheiro legal, todo o mundo dando opinião, resolvendo as coisas” (NUNES, 1995, pág. 35). O galo não quer ser “tomador de conta de galinhas” encoraja as galinhas a pensarem e lutarem por suas ideias. Temos também aqui a chamada de despertar da própria mulher sujeitada e inferiorizada pelo homem representada nas galinhas, que são cobradas pelo galo a saírem de seu estado de inércia “Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscadinha, não faziam coisa nenhuma, sem vir me perguntar: “Eu posso? Você deixa?” (...) respondia: “Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve como você achar melhor” (NUNES, 1995, pág.35). Raquel reflete em sua criação a maneira como gostaria que fosse sua realidade.

A protagonista se entristece e frustra-se com a rejeição das pessoas a sua volta, pois, embora sinta por parte da família que não tem a devida importância, ainda assim deseja ser aceita e conquistar a atenção dos irmãos e pais.

Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? Um dia perguntei pra elas: “Por que é que a mamãe não tinha mais condições de ter filhos?” Elas falaram que minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, (...) Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filhos. Por que é que eu nasci? Pensei nisso demais, sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. (NUNES, 1995, p. 13)

A partir das conversas com os amigos inventados: André e Lorelai, é possível conhecer a personalidade em formação e a busca por identidade. Raquel tem conflitos internos e externos que são questionados por ela mesma. O primeiro conflito é a vontade de ser adulta, a personagem mostra sua insatisfação em ser criança, e tal contrariedade se dá pelo fato de ser a única criança, sente-se sozinha “Ando querendo bater papo. ”, é privada de ter amigos pela irmã mais velha, tudo que ela fala ou faz tem uma consequência, uma advertência. É, por meio do “fazer de conta” em ser escritora (sua imaginação), que é uma de suas vontades que persiste até o final da narrativa, que ela encontra refúgio e respostas para compreender a si própria e o mundo a sua volta. Raquel, sente mais pertencente ao universo da imaginação do que sua própria realidade, não se reconhece na realidade que vive, o que a



deixa em crise de identidade. Segundo Kobena Mercer “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que supõe como fixo, coerente e estável é deslocada pela experiência da dúvida e da incerteza “ (MERCER, 1990, p. 43, apud HALL, 2006, p. 9)

Outra vontade reprimida que Raquel expõe ao personagem inventado André é a *vontade de ser menino*, justamente pelo fato de gostar das brincadeiras “consideradas” somente para meninos, observa-se que os melhores papéis desempenhados a sua volta é dado a figura masculina. A protagonista se sente frustrada, pois sente que é tão capaz quanto o garoto, de liderar as brincadeiras, sente vontade de jogar bola ou soltar pipa, e sempre é repelida ou repreendida por alguém que diz ser “brincadeiras de menino”.

-Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher. (...) Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bober que fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês é que tem que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que – puxa vida! – Vocês é que vão ter tudo. (NUNES, 1995, p. 16)

As vontades de Raquel são reprimidas pelas pessoas que a cercam, segundo Freud (1996), a repressão é o mecanismo mental do inconsciente, e este (inconsciente) por sua vez consiste em ser a parte obscura da mente, um receptáculo onde guardamos nossas lembranças traumáticas, impulso de ansiedade, tudo considerado para nós mesmo ou para quem nos cercam algo ruim, indesejáveis e inaceitáveis, assim como acontece com Raquel e sua *vontade de ser escritora*. Os irmãos têm domínio sobre Raquel por serem mais velhos, tudo que ela fala é considerado bobagem, as histórias inventadas e encontradas pelos irmãos, vem com desconfianças e castigos, o que vai gerando mais conflitos dentro da personagem, que por mais que explique e exponha, a situação não é entendida “Resolvi que até o dia de ser grande não escrevia mais nada. Só dever de escola e olhe lá. Foi daí pra frente que a vontade de ser escritora desatou a engordar que nem as outras duas.” (NUNES, 1995, p.21)

A *bolsa amarela*, recebida de tia Brunilda, é a representação de toda consciência de Raquel, que ora oscila entre consciente, que é a realidade e sua condição de vida que estando em desacordo, reflete em seu inconsciente, onde todas as vontades reprimidas, os nomes escolhidos de garotos, os amigos (André e Lorelai) e os personagens junto com suas



histórias, estão suprimidas dentro bolsa. Com um olhar mais positivo e tal como pensamento de Cristóvão (2011), a bolsa amarela:

[...] é como o ventre materno, lugar de refúgio, de proteção e de transformação. A bolsa amarela dá a protagonista a possibilidade de proteger os seus sonhos e desejos e, ao mesmo tempo, é o local onde suas vontades reprimidas serão transformadas em descobertas e autovalorização de seus sentimentos. (CRISTÓFANO, 2011, p. 73)

O personagem galo é o próprio desejo de liberdade, confiança e o querer mudar de vida que Raquel quer ter. O galo Rei que era “tomador de conta de galinha” em um galinheiro, decide fugir, mudar o nome para Afonso (pois achava que não combinava com ele) e lutar por suas ideias. Raquel quer também o mesmo, que suas ideias e sua voz sejam escutadas. Assim como o galo não gosta da vida que leva, de impor regras as galinhas, Raquel não gosta das regras impostas as brincadeiras que gosta, consideradas de “brincadeiras de menino”, não se contenta com o fato da mulher ser somente dona de casa, e não poder ser também uma chefe de família ou poder trabalhar, e ter sua própria independência como era privada sua tia Brunilda.

Lygia Bojunga, através da simbologia desta personagem, mostra-nos que Raquel busca conhecer-se a si mesma através da fantasia. Assim, como o galo considera todas as galinhas do galinheiro esquisita e resolve, portanto, fugir, também Raquel, considerar o mesmo de sua família, resolve fugir da realidade. (CRISTÓFANO, 2011, p. 72)

Entretanto, todos os personagens criados pela protagonista, de certa forma, encontram solução para seus conflitos, como foi o caso do galo Afonso que desiste de ser “tomador de conta de galinhas” e passa a lutar por suas ideias “Mas aí eu fiquei inventando e tive que resolver o que é que eu ia fazer da minha vida. Pensei pra burro. Acabei resolvendo que ia lutar pelas minhas ideias.” (NUNES, 1995, pág 35). Já Raquel, por ainda ser criança, embora esperta e inteligente, ainda está tentando compreender o que se passa consigo mesma e a sua volta. As soluções para os conflitos dela acontecem por meio das experiências vivenciadas por seus personagens inventados, as personagens passam por um processo de aceitação dos fatos e compreensão do mundo a sua volta.

O personagem Alfinete é a representação da infância de Raquel, de como ela é tratada e se sente pelo fato de ser criança, se assemelhando com a vida de alfinete: O alfinete, aquele que perfura e penetra, representa a necessidade de perfurar e penetrar na sociedade, ou



seja, a personagem Raquel precisa – de forma abrupta – ser aceita, isso exige força e até certa medida, perfurar as camadas mais duras e estanques da sociedade.

Já não aguento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: “pronto! vão achar que eu não sirvo mais pra nada, vão me levar no caminhão do lixo”; me encolho todo pra vassoura não ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo sim; mas nunca acontece nada. (NUNES, 1995, p.43-44)

A protagonista tem o mesmo pensamento que o Alfinete, sente que não tem importância, já que tudo que faz ou fala, é tido como errado. Tal como o Alfinete que ao sair da fábrica veio “caindo pelo caminho” (NUNES, 1995, p. 44), assim é o sentimento de Raquel em relação à sua família. Dá mesma forma que o alfinete se esforça para ser encontrado por alguém, Raquel quer a atenção da família, quer sentir-se pertencente, pois pelo simples fato de ser criança sente-se excluída do seio familiar.

Não podemos deixar de relacionar este pequeno objeto com o espírito da infância, ou seja, tudo aquilo que é mais ingênuo e infantil em Raquel. O “alfinete de fralda” perdido largado na rua, simboliza, também, em nosso entender, todas as infâncias esquecidas, as crianças abandonadas e a injustiça social de que são alvo. (CRISTÓFANO, 2011, p. 76-77)

Outro personagem inventado por Raquel, que fortemente a reflete, é o *Guarda – chuva*. O guarda –chuva representa proteção, segundo Jean Chevalier e Alaine Gheerbrant (2002) a simbologia de guarda-chuva refere-se a acolhimento e proteção, ficar debaixo do guarda-chuva significa fugir da realidade e responsabilidade.

Na hora do guarda-chuva nascer, quer dizer, na hora que ele foi feito, o homem lá da fábrica – que era um cara muito legal e que gostava de ver as coisas gostando do que elas tinham nascido – perguntou: - Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher? E ele respondeu: mulher. O homem então fez um guarda –chuva menor que guarda-chuva homem. E usou uma seda cor-de-rosa toda cheia de flor. (NUNES, 1995, p. 48-49)

Quando a Guarda-chuva viu que o homem estava fazendo o cabo comprido, pediu: - ah, me deixa pequena! Quero ser pequena a vida toda. O homem se espantou: - E se mais tarde você cismar de crescer? – Não sei pra que: ser pequena é uma curtição. (NUNES, 1995, p. 49)

Por meio do personagem Guarda-chuva temos características inversas da narradora protagonista. Raquel queria ser menino, a guarda-chuva menina; a guarda-chuva queria ser sempre criança, Raquel queria crescer logo; a linguagem que o guarda-chuva fala somente o galo Afonso consegue compreender, Raquel só consegue ter uma certa



compreensão sobre seu modo de perceber as coisas, por seus personagens inventados, do contrário ninguém a ouve, sente-se como se falasse uma língua diferente das pessoas a sua volta. O personagem Guarda-chuva é personalidade, conflito e desejo contrário de Raquel, o que a ajuda no processo de autoaceitação de sua própria condição de vida, a protagonista passa a enxergar o que há de bom nela mesmo, até então não percebido, como fato de ser criança.

Quando a Guarda-chuva viu que o homem estava fazendo o cabo comprido, pediu: - Ah, me deixa pequena! Quero ser pequena a vida toda. O homem se espantou: - E se mais tarde você cismar de crescer? - Não sei pra que: ser pequena é uma curtição. (NUNES, 1995, pág. 49)

No decorrer das histórias dos personagens inventados, Raquel vai aprendendo a superar suas vontades reprimidas, assim como os personagens mudam de ideias sobre seus próprios conflitos que vão sendo solucionados. Ela vai se enxergando na vida de seus personagens e mudando também “Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar.” (NUNES, 1995, p.49)

A obra de Lygia Bojunga proporciona um contraste entre Raquel que se vê refletida em seus personagens e nós leitores em relação à obra. De certa forma, nos reconhecemos dentro da obra e o que está ali tem significado para nós também. A literatura é representação do homem e sua vida, a partir dela o homem dialoga, por meio da palavra, e compreende os fatos e acontecimentos de si mesmo e o mundo a sua volta. Vivemos na literatura a multiplicidade da vida, ela rompe o tempo fechado, nos colocando em diferentes lugares, em diferentes tempos, em outras eras, nos possibilitando ser outras pessoas, pois ela está

[...] em contrapartida, com o informe, com o inacabado, como disse Gombrowicz e como o fez. Escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravasa toda matéria vivível ou vivida. É um processo, quer dizer, uma passagem da vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrevemos, devimos-mulher, devimos animal ou vegetal, devimos-moléculas até devir-imperceptível. (DELEUZE, 2006, p.11)

A presença do personagem Terrível, primo de Afonso, que é um galo de briga que teve o pensamento costurado por uma “linha forte”, que por conta disso tem um único pensamento “brigar sempre”, remete também os conflitos de Raquel. A protagonista vai contra a uma única forma de pensamento, quando, por exemplo, não aceita o fato de não



poder jogar bola ou soltar pipa por ser considerada brincadeira de menino, mostra-se descontente com a situação. A característica deste personagem também estabelece novamente a relação com o contexto histórico da época: a ditadura militar. Em que tinha uma única forma de pensar e as pessoas que eram contra esta forma de pensamento, eram torturadas e mortas.

O surgimento da “Casa dos consertos” é a idealização de estrutura familiar que Raquel queria ter para si. Na casa, todos os integrantes da família são diferentes (mãe, pai, avó e filha (Lorelai), e todos são unidos e vivem em harmonia. Não há uma distinção entre homem/ mulher, adulto/criança, todos faziam seus afazeres juntos. O homem que consertava o relógio e vaso, cozinhava também; a mulher que cozinhava, soldava a panela estragada; o velho que soldava a panela, estudava também; a menina que estudava, ajudava na casa dos consertos.

Mas eu fiquei parada, querendo entender melhor a gente daquela casa. Apontei o homem: - Ele é teu pai? – É . – E ai ela apresentou os três: - Meu pai, minha mãe e meu avô. Eles me deram um sorriso legal, e eu cochichei pra menina: - Por que é que ele tá cozinhando? Ela me olhou espantada: - O quê? Perguntei ainda mais baixo: - Por que é que ele tá cozinhando e tua mãe soldando panela? – Por que ela hoje já cozinhou bastante e ele já consertou uma porção de coisas; e eu também já estudei um bocado e meu avô soldou muita panela: tava na hora de trocar tudo. – Por que? – Pra ninguém achar que ta fazendo uma coisa demais. E pra ninguém achar também que esta fazendo um coisa menos legal do que o outro. – Teu avô tá estudando? – Tá. – Velho daquele jeito? (...). – Ele só é velho por fora. O pensamento dele tá sempre novo. – Por que? - Porque ele tá sempre estudando. Que nem meu pai e minha mãe. – Eles também estudam? – Aqui em casa a gente não vai parar de estudar. – Toda vida? – Tem sempre coisa nova pra aprender. (NUNES, 1995,p. 98-99)

A casa dos consertos é uma junção de todos os conflitos de Raquel, visto sob outra perspectiva positiva, que a faz mudar de ideia sobre como via as coisas. A personagem, por meio de sua imaginação, cria um mundo de possibilidade que há faz acreditar e perceber que tudo pode ser diferente do que vive. Na casa dos consertos, ela percebe que nem todas as famílias são iguais e que pode mudar a sua também. O desejo de ser garoto é superado quando vê a mãe de Lorelai exercendo uma função considerada para um homem, observando que na família de Lorelai não há necessidade de ter um chefe, que juntos, unidos faz dar certo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Em *A bolsa amarela* o simbolismo acontece misturando fantasia e realidade. É refletido todos conflitos que a protagonista vive (realidade), em seus personagens criados (fantasia). Raquel buscava autoconfirmação e autoconhecimento, não se sentia pertencente ao mundo no qual vivia, não concordava com a realidade imposta ela. Em que por meio de sua imaginação consegue obter respostas para suas dúvidas e compreender o mundo a sua volta, ou seja, sua própria fantasia possibilita um diálogo com seus problemas e ajuda a solucioná-los.

Na obra ainda é possível perceber o quando mundo infantil é maravilhoso, em que por meio da capacidade imaginativa da criança. A narrativa de Lygia Bojunga consegue atrelar realidade e fantasias ao mesmo tempo, denunciando as injustiças da sociedade na época.

## REFERÊNCIAS

NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. 22.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura?* Coleção primeiros passos.- São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

CRISTÓFANO, Sirlene. *O itinerário simbólico em A bolsa amarela de Lygia Bojunga*. Dissertação de Mestrado em estudos literários, culturais e interartes, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, FLUP Porto, Portugal. Acesso em 14 de julho, disponível em: <[https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/20377/2/mestsirlenecristofanoi\\_tinerario000085490.pdf](https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/20377/2/mestsirlenecristofanoi_tinerario000085490.pdf)>

FREUD, Sigmund. *O estranho*, in: Edição Standard das obras psicológicas complexas de Sigmund Freud – 24 volumes, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil?* São Paulo, Brasiliense, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*, Lisboa, Editora Bertrand, 2006.

TELLES, Norma. *Historia das Mulheres no Brasil*.- São Paulo, Contexto, 2000.

FREUD, Sigmund. *Inibições, sintomas e angústias*. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

DELEUZE, Gilles. *A literatura e a vida*. In: Critica e Clinica. São Paulo: editora 34, 2006, p. 11-16

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.



ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Martins Fontes: São Paulo, 1991.

CHEVALIER, Jean, e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos símbolos*.- 17ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade / Stuart Hall: Tradução Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro – 11 .ed. – Rio de Janeiro: DP&A. 2006.*